

Identidade de grupo, identidade nacional: um diálogo a partir do Círculo de Stefan George¹

*Walkiria Oliveira Silva*²

Resumo: Este artigo procura analisar como o Círculo de Stefan George, durante os anos da República de Weimar (1918-1933) tentou instaurar uma identidade nacional para os alemães. A partir da identidade de grupo evidenciada pelos próprios georgeanos, tentamos entender como esta se vincula à identidade nacional defendida pelos intelectuais reunidos em torno do poeta Stefan George. Além disso, enfatizamos o papel da escrita da história nesse processo de formação das identidades nacional e de grupo.

Palavras-chave: Identidade. República de Weimar. Círculo de Stefan George.

Abstract: This article analyzes how Stefan George and his circle, during the Weimar Republic (1918-1933) tried to establish an national identity for the Germans. From the group identity, we try to understand how this group identity binds to national identity advocated by Stefan George Circle. Moreover, we emphasize the role of historiography in the process of forming a group and national identity.

Keywords: Identity. Weimar Republic. Stefan George Circle.

¹ Agradeço ao professor Estevão Chaves de Rezende Martins pela leitura e pelas importantes sugestões.

² Mestranda em História pela Universidade de Brasília.

“Toda moralidade e todo aperfeiçoamento moral se derivava do espírito da literatura, desse pundonor humano que era ao mesmo tempo o espírito da humanidade e da política.”

Thomas Mann³

“Ganhou-se em realidade, perdeu-se em sonho.”

“(…) não temos mais vozes interiores; hoje em dia sabemos demais, a razão tiraniza nossa vida.”

Robert Musil⁴

Crise de sentido, crise das representações

Os anos da República de Weimar (1918-1933) constituem um dos períodos mais conturbados da sociedade alemã, marcado por diversas crises, econômica, política e social. Se, por um lado, o fim da Primeira Guerra (1914-1918) significou o início da primeira experiência democrática dos alemães, por outro, desencadeou um período de desorientação, decorrente sobretudo, da experiência traumática da Primeira Guerra Mundial.

Considerada, no seu início, um momento de defesa dos valores nacionais e de esperança da unificação do povo pelo sacrifício⁵, a Primeira Guerra mostrou-se depois, “um pa-

voroso morticínio”⁶, que colocou fim ao vitalismo alemão, decorrente de sua industrialização tardia, pós - 1871, e inaugurou aquilo que denominaríamos como “guerra total”⁷. A derrota alemã, em 1918, e a imposição do Tratado de Versalhes foram sentidos como “uma experiência inesperada e traumática. Atingiu um ponto sensível no *habitus* nacional e foi sentida como um regresso ao tempo da fraqueza alemã, dos exércitos estrangeiros no país, de uma vida na sombra de um passado mais grandioso.”⁸

O que emergiu da catástrofe foi um mundo frágil e desencantado. A derrocada do regime imperial e a repentina democracia trouxeram à tona um remanejamento dos atores sociais

⁶ ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, p. 169.

⁷ A primeira guerra pós fim ao profissional de guerra, à guerra defensiva e deu início à “guerra total”, ou seja, ao envolvimento de civis no combate, à guerra de ataque e anexação, ao desgaste total do inimigo. Era o fim do “cavalheirismo de guerra”. Além disso ainda é preciso destacar o uso de armas como o lança-chamas e o gás, capazes de matar muitos combatentes de uma só vez. “O ano de 1916 presenciou o advento e a aceitação, por ambos os lados, de uma nova guerra, a guerra deliberada de desgaste, que tragaría milhões de homens, não sob o pretexto da iminência da vitória desde que se pudesse remover um importante obstáculo, mas devido à decisão tomada de que só enfraquecendo o inimigo pelo cansaço se poderia ganhar esta guerra. Por todo lado a indústria foi mobilizada, reorganizou-se a força de trabalho, aplicou-se ou planejou-se o racionamento de alimentos, os impostos foram reajustados. Tornou-se “total”.” EKSTEINS, Modris. *A sação da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 187.

⁸ ELIAS, Norbert. Op. Cit., p. 20.

³ MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p.218.

⁴ MUSIL, Robert. *O homem sem qualidades*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 58;131.

⁵ STERN, Fritz. *O mundo alemão de Stein*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.13.

frente à nova realidade⁹. A classe média e a ainda hesitante classe trabalhadora passaram a participar do jogo político e essa mudança nas relações de poder gerou também uma crise da identidade social e uma crescente busca pela mesma. Aliada a isso, a crise econômica e a quebra de uma crença inocente no progresso e na ciência trouxeram um profundo sentimento de desorientação, que se manifestou nos planos individual e coletivo.

Uma profunda sensação de crise espiritual foi a marca daquela década [de 1920]; afetou trabalhadores rurais, latifundiários, industriais, operários, balconistas e intelectuais urbanos. Atingiu tanto jovens como os velhos, tanto as mulheres como os homens. Os desastres econômicos e a insegurança social simplesmente acentuaram e intensificaram o que era antes de tudo uma crise de valores provocada pela guerra e particularmente pelas consequências da guerra, que a paz claramente deixou de satisfazer aquelas expectativas enunciadas pelos líderes durante o conflito¹⁰.

Evidente que, inserido neste contexto de desorientação e busca de sentido, o meio intelectual, sobretudo o do

conhecimento histórico, procuraria uma maneira de apreender a realidade problemática na qual se encontrava. Independente da posição que tomavam frente ao advento da nova experiência política, reinava uma desconfiança generalizada frente a era das massas e das máquinas e a crença de que o mundo moderno estava, progressivamente, separando-se do mundo espiritual. Manifestou-se um aprofundamento do sentimento de crise advindo do processo de industrialização e modernização alemã, sobretudo após 1871. De maneira geral prevalecia a ideia de que vivia-se um processo de decadência, onde a alienação decorrente da massificação da sociedade dissolvia todos os valores espirituais, interiores.

Na verdade a doença cultural do *fin de siècle* foi um fenômeno internacional, ou pelo menos europeu. Os intelectuais da França e de outros países afligiam-se com o problema da decadência e seus temores talvez não tenham sido totalmente diferentes dos de seus colegas alemães. Mas a ansiedade geral era certamente mais intensa na Alemanha.¹¹

Em meio a essa busca por sentido e identidade, frente a um mundo em profunda transformação, manifestou-se uma “uma ânsia desesperada por raízes e pela comunidade”.¹² De acordo

⁹ ELIAS, ibidem, pp. 36, 37, 84. Ver também: GAY, Peter. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p.31. Interessante uma parte de uma crônica publicada no jornal *Hamburger Nachrichten*, por Fedor von Zobellitz, que deixa evidente as mudanças trazidas pelo advento da república: “Portanto, assim era como tinha sido *ontem*, e entre esse *ontem* e o hoje está essa imensa convulsão que transformou de um dia para o outro uma monarquia de 500 anos numa república, e assim fazendo remodelou completamente a velha sociedade em todas as suas partes.” ELIAS, ibidem, p. 84.

¹⁰ EKSTEINS, Op. cit., p. 327.

¹¹ RINGER, Fritz K. *O declínio dos mandarins alemães: A comunidade acadêmica alemã, 1890-1933*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 243.

¹² GAY, Peter. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 113.

com Oexle¹³, é sintomático disso uma guinada rumo a valores medievais, à mitologização do passado, em oposição ao processo de modernização e massificação da sociedade. Era preciso retornar aos valores comunitários para reencontrar e reestabelecer os valores culturais e identitários comuns que pudessem reconstruir a identidade esfacelada dos alemães.

O campo do conhecimento histórico, ao qual o Círculo de George atrela-se de maneira mais próxima nessa busca de identidade, encontrava-se também em um período de questionamentos e incertezas. Colocava-se em questão qual o papel desempenhado pela história frente às inquietações do presente e se a história não havia se tornado um conhecimento excessivamente distante deste. Embora esses debates tenham se iniciado a partir do final do século XIX, é certo que, como bem nos lembra Manoel Salgado, “a experiência da Primeira Guerra Mundial só fez agudizar este sentimento de descrença em relação à História e às promessas implícitas numa cultura de heróis prometidos formuladas no século XIX.”¹⁴

Se pensarmos, como afirma Rösen¹⁵, que o conhecimento histórico é fundamental para a orientação do sujeito em sua realidade e que a representação daquilo que se é, tanto individual como socialmente, depende da relação estabelecida entre passado, presente e futuro, concluímos que a produção do conhecimento histórico é parte fundamental do processo de constituição identitária individual e coletiva. Diante de mudanças sociopolíticas e culturais bruscas, é indispensável que a experiência temporal, em sua forma histórica seja interpretada, pois

Ainda que desconhecido como experiência, o passado pode ser explicado pela História, capaz por este procedimento de gerar imagens e sentidos para a ação no presente. [...] Neste sentido, a ação no presente e o planejamento do futuro ficam definitivamente marcados pelo peso do passado. [...] nossa identidade, coletiva e individual, assume explícita ou implicitamente uma profunda relação com a História. É nela que buscamos ancorar o barco de nossas vidas em busca de respostas que não podem tolerar as dúvidas e incertezas da tragédia humana.”¹⁶

¹³ OEXLE, Otto Gerhard. Das Mittelalter als Waffe. In: *Geschichtswissenschaft im Zeichen der Historismus*. Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 1996, pp.171-182. Para o autor esse colapso do progresso, liga-se diretamente à crise econômica ocorrida após a unificação alemã que, segundo Oexle, abalou a confiança no desenvolvimento de uma nova sociedade. “A cultura do pessimismo [*Kulturpessimismus*] resultou em uma nova mitologia.” Op. cit., p. 172. Uma obra emblemática seria a de Ferdinand Tönnies, *Gemeinschaft und Gesellschaft* (Comunidade e Sociedade) de 1897.

¹⁴ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma

memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatayh (Org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, p. 11.

¹⁵ RÜSEN, Jörn. *A razão histórica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

¹⁶ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatayh (Org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, pp. 19-20.

A busca de sentido e significado constitui o pressuposto de toda ação humana. É pela atribuição de sentido que podemos nos situar na realidade. Estamos de acordo com Berger e Luckmann¹⁷ e acreditamos que esse sentido é codificado em universos simbólicos que estão em confluência com a situação ocupada pelos indivíduos dentro da sociedade e dos grupos que os mesmos compõem. Além disso, esse “universo simbólico” é também construído a partir de diversos campos da sociedade, o científico, o religioso ou o intelectual, podendo mesmo respeitar uma lógica interna, em concordância com o pluralismo moderno. É em meio a este pluralismo moderno que o indivíduo busca para si uma significância para suas ações, embora tal busca nunca possa realizar-se de maneira individualizada, tendo em mente que esse indivíduo encontra-se inserido dentro de uma teia de relações, que são, no mundo moderno, plurais.

O universo simbólico, bem como os rituais, são fundamentais para que os indivíduos encontrem sentido para se situarem na realidade. Logo, podemos pensar o mesmo para os diversos grupos formados em uma sociedade. As representações que um grupo faz de si são parte integrante da identidade, tanto do próprio grupo quanto dos indivíduos que o compõem, significando a realidade maior que os cerca.

¹⁷ BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

Roger Chartier, principal representante da história cultural francesa, afirma que a construção da identidade social resulta sempre da “relação de força entre as representações”¹⁸ e que as práticas¹⁹ dos grupos instituídos na sociedade “visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de estar no mundo”²⁰, ou seja, constituir a identidade individual e coletiva. Concordamos com Chartier quando este afirma que

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um processo reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos,

¹⁸ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, p.73.

¹⁹ Acreditamos que podemos entender o conceito de “prática” utilizado por Chartier, no sentido de Michel de Certeau. “Pode-se então compreender melhor o conceito de ‘prática cultural’: esta é a combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluída, de elementos cotidianos concretos [...] ou ideológicos [...], ao mesmo tempo passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural [...]. ‘Prático’ vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar na rede de relações sociais inscritas no ambiente.” DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, pp. 39-40.

²⁰ CHARTIER, Op. cit, p. 73.

as escolhas e condutas. [...] As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio.²¹

As representações que um grupo constrói de si e do mundo, permitem ao indivíduo situar-se no mundo e compreendê-lo. Pesavento considera que as representações são “matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.”²² Desta forma, as identidades, enquanto construções simbólicas de sentido, são estabelecidas a partir desse universo simbólico das representações que produz a ideia de pertencimento e coesão social. A identidade define-se, portanto, como “uma construção imaginária que produz a coesão social permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade”²³, tendo sempre como guia o princípio da alteridade²⁴, da diferença entre o eu, ou o nós e o outro.

²¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p.17.

²² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 39.

²³ Id., *ibid.*, p. 89.

²⁴ “A construção da alteridade e do mesmo se move ao compasso das conjunturas históricas. As mudanças de representações hegemônicas correspondem a novas necessidades coletivas, oriundas da renovação de projetos políticos, econômicos, sociais, de situações culturais e outras.” Cf.: ARRUDA, Angela. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In: ARRUDA, Angela (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 41.

Épocas de crises e traumas sociais são também um momento de crise das representações. Colocar essas representações em questão significa também questionar “as determinações e as leis de seu próprio ser”.²⁵ É sobretudo nesses momentos que a busca por uma identidade que situe os indivíduos em sua realidade torna-se uma premissa necessária. Diversos grupos articulam-se na tentativa de responder à crise instalada. Através do discurso histórico, da representação de seu passado, fundamental para a construção das identidades, no campo intelectual ou não, procura-se um caminho que leve à reconstrução das identidades individuais e coletivas e à saída do momento de crise.

Tendo em consideração o período de desorientação que aqui abordamos, consideramos o Círculo de Stefan George e sua própria organização de grupo, unidos por um conjunto de ideais e comportamentos comuns, um lugar através do qual podemos refletir sobre a realidade política, social e sobretudo cultural da Alemanha durante o período de Weimar. Os ideais do Círculo estão ligados aos debates da época, sobretudo no que tange àqueles acerca da identidade nacional, daquilo que marcava a singularidade alemã frente a outras nações. Neste sentido pretendemos refletir sobre como as propostas

²⁵ CASTORIADS, Cornelius. A criação histórica e a instituição da sociedade. In: CASTORIADS, Cornelius. *A criação histórica*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 94.

veiculadas através do Círculo de Stefan George objetivaram contribuir para a construção de uma identidade alemã e, em que medida o próprio grupo viu a si mesmo como uma esperança, um caminho a ser seguido diante do caos do pós-guerra.

O Círculo de Stefan George: entre a identidade de grupo e a identidade nacional

O poeta alemão Stefan George (1868-1933) foi uma das personalidades mais emblemáticas da Alemanha durante as três primeiras décadas do século XX. Poeta viajante, trouxe para a Alemanha o que tinha aprendido com os simbolistas franceses, sobretudo com Mallarmé. Embora tenha tentado colocar em prática o ideal da “arte pela arte”, sua influência política foi um dos aspectos mais significativos de sua vida.

As *Blätter für die Kunst* (Folhas para a Arte), revista vinculada a George e seu círculo, publicada entre 1892 e 1917, foi o meio pelo qual os georgeanos disseminaram seus ideais. Foi a partir da reunião daqueles que contribuíam para as *Blätter* que a ideia da organização de um grupo tomou forma. Após a publicação, em 1897, de *Das Jahr der Seele* (O ano da alma), George passou a ser considerado um dos principais poetas alemães de seu tempo. A partir desse momento, George tinha deixado de escrever ao modo francês e afirmava-se como um poeta que procurava estabe-

lecer novos parâmetros para a escrita poética alemã.

Segundo Robert Norton, esse momento marca uma guinada de George rumo ao nacional. Com a formação de um grupo, estruturado e hierárquico, ocorre a mudança dos ideais e das ambições de George. O ideal da “arte pela arte” desmorona e George e seu círculo, mesmo que não declaradamente, procuram participar ativamente das questões de sua época²⁶. Uma nova publicação do círculo deixa evidente sua preocupação em intervir no real. *O Jahrbuch für die geistige Bewegung* (Anuário para o movimento espiritual), publicado em 1909²⁷, de tom mais acadêmico e menos poético, trazia ensaios combativos e firmavam o caráter salvífico de George e seu grupo.

A experiência da guerra seria, também para os georgeanos uma experiência marcante. Embora dois dos principais nomes do círculo, Friedrich Gundolf e Friedrich Wolters tenham se entusiasmado com a erupção da guerra, George nunca a apoiou. Via na guerra a dizimação de seus jovens, daqueles que poderiam reconstituir a cultura alemã²⁸. O fim da guerra significou uma transformação não somente para

²⁶ NORTON, Robert E. *Secret Germany: Stefan George and his circle*. New York: Cornell University Press, 2002, p. 222; 285. Também em : KARLAUF, Thomas. *Stefan George: die Entdeckung des Charisma*. Der Pantheon Verlag, 2008, p. 257.

²⁷ Outros dois volumes foram publicados em abril e novembro de 1911.

²⁸ Friedrich Gundolf participou da guerra a partir de 1915. Em 1917 é enviado, devido à intervenção de Walter Rathenau, para o serviço burocrático.

a sociedade alemã, mas também para o Círculo de George. Edgar Salin afirma ter sido a guerra um divisor de águas para o Círculo, o início de um outro movimento a partir de duas premissas principais: o interesse pela política e a postura “estatal” dos georgeanos. Constituíam-se um estado do poeta frente ao estado político oficial.²⁹

Após a guerra, a doutrina do Círculo tendeu a espalhar-se de forma mais evidente³⁰. A figura de George firmou-se de forma mais significativa, não somente para seus discípulos, comolíder e profeta e assim, para uma parcela significativa da sociedade, a comunidade reunida em torno de George representava a última esperança de confiança no futuro. Durante a República de Weimar, “houve um número incontável de jovens, idealistas e alemães bem educados, mas não somente, que imaginavam que o reino espiritual de George era o mais puro, mais real e substancial.”³¹Após 1918, de acordo com Martin Ruehl, o Círculo tendeu a aprofundar suas preocupações com a realidade alemã, e assumir portanto, uma posição mais nacionalista³².

De modo geral os georgeanos participaram das discussões e das tendências da sua época. Eram críticos da sociedade burguesa e do racionalismo que a dominava. Opunham-se ao conhecimento científico, pois consideravam que este não poderia clarificar os caminhos dos homens. Reivindicavam a reabilitação da poesia e do papel do poeta enquanto líder e mentor da sociedade³³. Propunham um diálogo espiritual entre os heróis do passado a fim de iluminar o caminho para o futuro. A partir da ação de um pequeno número de seguidores George acreditava poder reconstituir a cultura e a identidade alemãs.

Pertencer ao círculo de George significava abrir mão da própria identidade pessoal e tomar parte em uma série de rituais. George, sempre tratado por “Mestre” por seus discípulos, ocupava o centro, o personagem a que todos deveriam venerar. A hierarquia era, no grupo, inquestionável e natural. Ser parte de um grupo possui, obviamente, sua validade social. Dificilmente algum georgeano conseguia ser reconhecido como alguém separado, desvinculado de George. Em 1920, em sua biografia sobre o próprio George, Friedrich Gundolf definiu o círculo

²⁹ SALIN, Edgar. *Um Stefan George*. Godesberg: Helmut Küpper/ Georg Bondi, 1948, p. 246.

³⁰ E essa parecia ser também a intenção do grupo. Exemplo disso seria a publicação da última *Blätter für die Kunst*. Foram publicados 2000 exemplares da revista, ao contrário dos outros números, cuja tiragem fora bastante reduzida.

³¹ NORTON, op. cit., p. 572.

³² RUEHL, Martin A. Imperium transcendentat hominem: *Reich und Rulership in Ernst Kantorowicz's Kaiser Friedrich der Zweite*. In: RUEHL, Martin A.; LANE, Melissa S. *A Poet's Reich: Politics and Culture in the George Circle*. New York: Camden House, 2010, p. 206.

³³ A poesia parecia-lhes superior uma vez que, partindo da poética aristotélica, nela prevalecia o ideal da verossimilhança, de dizer aquilo que poderia ser. Cf.: “É claro, também, pelo que atrás ficou dito, que a obra do poeta não consiste em contar o que aconteceu, mas sim coisas quais podiam acontecer, possíveis no ponto de vista da verossimilhança ou da necessidade.” ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1981, p. 28.

como algo que

Não era nem uma sociedade secreta com estátuas e encontros regulares, nem um séquito com ritos fantásticos e artigos de fé nem um clube de escritores (publicar nas *Blätter für die Kunst* não era um sinal de pertença). Mas sim, um pequeno número de indivíduos agrupados a partir de certas atitudes e convicções, unidos pela veneração espontânea e voluntária a um grande homem [...] e serve às ideias que este incorpora [...]³⁴

O desejo de estabelecer a origem histórica dos alemães transpareceu nas produções biográficas do grupo. Esse “projeto biográfico” toma corpo sobretudo após o final da Primeira Guerra, fator que pode significar e ser uma evidência da intenção do grupo de influenciar a realidade em que viviam. As biografias de grandes homens, heróis do passado, eram um meio através do qual fazia-se possível a manutenção de um diálogo espiritual, atemporal. A biografia de Gundolf de 1916, *Goethe*, de Ernst Bertram em 1918, *Nietzsche: Versuche einer Mythologie* (Nietzsche: tentativa de uma mitologia) e a de Ernst Kantorowicz em 1927, *Kaiser Friedrich der Zweite* (Imperador Frederico II), alcançaram enorme sucesso que não se restringiu ao meio intelectual.

Manter esse diálogo espiritual com os heróis do passado era imprescindível. O passado servia de inspiração para solucionar os problemas do presente.

Era nesse diálogo espiritual, no sentido de uma atemporalidade dos valores, que era necessário buscar os valores da nação, seu caráter. Os georgeanos representavam-se portanto, como um caminho de salvação, um modelo a ser seguido. Seus ideais e suas ações, que os caracterizavam como grupo, deviam ser expandidos para a nação.

Nas biografias, tipo de escrita definida pelos georgeanos como historiográfica, definia-se igualmente a rejeição ao caráter científico do conhecimento, defendida pelo círculo, e deixava-se evidente uma nova concepção sobre a função do mesmo. Em acordo com os debates de seu tempo, os georgeanos acreditavam que o conhecimento devia ligar-se diretamente à vida. Evidenciava-se logo, o caráter pedagógico e político das obras produzidas pelo círculo. A representação mítica do passado através das biografias tornava-se elemento fundamental para a definição da identidade nacional. Para Grünewald, as biografias foram, desde seu início, motivadas pelo impulso, comum ao período pós-guerra, de definir e restaurar a nação.

Nessa comunidade de heróis, incorporada no próprio círculo, o semblante alemão emergia. Era a essa comunidade de heróis que George designava como sua “Alemanha secreta”. A expressão, utilizada pela primeira vez em um ensaio de Wolfskehl sobre a história das *Blätter für die Kunst*, foi explorada mais de perto por Ernst Kantorowicz em 1933 em uma confe-

³⁴ GUNDOLF, Friedrich. *George*. Berlim: George Bondi, 1920, p. 31.

rência, na Universidade de Frankfurt, intitulada *Das Geheime Deutschland* (A Alemanha secreta). Era na “Alemanha secreta” que o ser da nação se encontrava e era dela que poderia surgir uma esperança para o futuro. A “Alemanha secreta” era a base para o renascimento da nação.³⁵

Apenas nesse império secreto estão assegurados as verdades eternas do povo. Mas elas não se conectam com os políticos do pós-guerra. [...] Quem não conhece as verdades eternas, não pode alcançar o lugar de luta frente aos problemas do presente. [...] Apenas com este pano de fundo observado, a história ganha vida e direito a um relacionamento com o presente [...]³⁶

Para Wolfskehl a “Alemanha secreta”, formada por heróis como Goethe, Hölderlin, Dante e o próprio George, era acentuadamente marcada por um caráter nacionalista. Os alemães formavam o único povo capaz de enunciar algum renascimento cultural europeu. Se havia possibilidade de renovação, ela poderia acontecer somente a partir da liderança dos alemães. Wolfskehl conclui que

um movimento saído das profundezas, se algo assim continua possível na Europa, poderá vir somente da Alemanha, da Alemanha secreta, para a qual

cada uma de nossas palavras é pronunciada, de onde cada um de nossos versos são extraídos, é vida e ritmo, o serviço incessante que significa a felicidade, necessidade e justificação de nossas vidas.³⁷

A mitologização do passado, sempre renovado no presente, era o que poderia unir os alemães. A identidade alemã não se constituía de elementos políticos, mas era definida a partir de um reino espiritual circundado pelos grandes heróis do passado. Qualquer transformação ocorre a partir do reino espiritual, pois “toda revolução é definitivamente espiritual”. É a esse reino espiritual que os indivíduos devem atrelar-se, pois “o verdadeiro elemento revolucionário de uma época, realmente novo, vivente, é sempre de alguma forma enraizado no passado.”³⁸

Evidente que os georgeanos, a partir dessas biografias, teceram uma crítica à escrita historiográfica da época. Embora não declarassem desejar participar dos debates acadêmicos, do mundo da cientificidade e da pesquisa, o modo como as biografias eram construídas e os ideais georgeanos que nelas transpareciam, deveriam instituir também um novo modelo para a historiografia. Os georgeanos reconheciam o papel desempenhado pelo conhecimento histórico na formação das identidades individuais e nacionais. A

³⁵ KANTOROWICZ, Ernst. *Das Geheime Deutschland*. In: BENSON, Robert L.; FRIED, Johannes. *Ernst Kantorowicz*. Stuttgart: Fraz Steiner Verlag, 1997, p. 78; 79.

³⁶ Id., *ibid.*, pp. 92-93.

³⁷ WOLFSKEHL, Karl. *Jahrbuch für die geistige Bewegung*. 3 Vols. Berlin: Georg Bondi, 1910-1911. Apud NORTON, op. cit., pp. 434-435.

³⁸ BERTRAM, Ernst. *Nietzsche: Versuch einer Mythologie*. Berlin: Georg Bondi: 1921, p.11.

historiografia deveria instituir o diálogo com os heróis do passado, da “Alemanha secreta”, entre o presente e o passado a fim de clarificar o futuro. Nesse sentido o conhecimento histórico era fundamental para a orientação dos homens frente à crise de desorientação do pós-guerra. A história assumia um caráter essencialmente político ao dispor a representação dos heróis do passado contribuindo para a orientação dos homens no presente e para a construção da identidade nacional.

Historiografia (*Geschichtschreibung*) e pesquisa histórica (*Geschichtsforschung*) eram termos que, para os georgianos, não se confundiam. A pesquisa histórica seguia regras racionais e era incapaz de promover a união espiritual. Seu caráter cosmopolita havia deixado de lado a preocupação com o nacional. Por outro lado a historiografia, considerada parte da literatura nacional, trazia consigo a preocupação com as questões da nação. Mitologizar o passado através das figuras dos grandes homens, fundir indivíduo e nação, fundamentavam a base da concepção de história do Círculo de George³⁹.

O processo de leitura não é neutro, muito menos imparcial. A prática da leitura não pode ser considerada uniforme. É variável e plural. O ato de ler implica, de acordo com Paul Ricoeur,

por parte do leitor, um processo de refiguração, e assim, “na medida em que qualquer obra age, acrescenta ao mundo algo que não estava nele antes”⁴⁰. A leitura pode conduzir a uma reflexão acerca da nossa apreensão simbólica do mundo. A compreensão do discurso mítico relaciona-se com as práticas do presente⁴¹, pois reitera o passado continuamente no presente e o ressignifica neste.

Chartier mantém o diálogo com Ricoeur e acentua o aspecto histórico das práticas de leitura que variam com o tempo e o lugar onde ocorrem. Para o autor, a leitura é também responsável pela construção de sentido, lugar onde as representações são construídas. O sentido proveniente da leitura varia igualmente em razão da comunidade de leitores, das diferentes expectativas que cada grupo deposita na leitura.⁴²

Não se deve negar ainda outro fator que contribuiu para o sucesso das biografias advindas do Círculo de George. A escrita biográfica em si desperta interesse, nosso interesse pelo outro. Segundo Bourdieu a biografia é uma “ilusão” pois, tendo por objeto a vida de um indivíduo que é descontínua e multifacetada, a escrita biográfica busca uma coerência de princípios

³⁹ O documento que melhor explica a concepção do Círculo em relação à história é a conferência de Kantorowicz no *Historikertag* de 1930. GRÜNEWALD, Eckhardt (ed.) *Sanctus amor patriae dat nimum – ein Wahlspruch des George-Kreis? Ernst Kantorowicz auf dem Historikertag zu Halle a.d. Saale im Jahr 1930*.

⁴⁰ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo II. Campinas: Papirus, 1995, p. 35.

⁴¹ MICELI, Sergio. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

⁴² CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002, pp. 70-71.

que transcorre na ordem cronológica, construindo assim uma “criação artificial de sentido.”⁴³ A narrativa sobre a trajetória de uma vida constitui portanto, uma tentativa de explicar a falta de sentido da realidade.

Neste sentido, para Norton, os livros podiam criar uma atmosfera intelectual favorável, poderiam formar opiniões e assim, facilitar a recepção da mensagem de George e seu grupo, gerando uma esperança de ação na realidade.⁴⁴ Segundo o autor, o público entendia que por detrás das biografias havia todo um conjunto de ideais atrelado a George e seu círculo.

O próprio George não negou o aspecto político das biografias, e geralmente afirmava que “livros espirituais são políticos”. As biografias eram pensadas a fim de alcançar um número maior de leitores, característica essa diferente de suas poesias. Estas destinavam-se a um público previamente iniciado, capacitado para compreender as premissas da escrita poética de George.

O próprio Círculo era o lugar exemplar para onde os alemães deveriam olhar a fim de encontrar aquilo que definia a nação e o caráter alemão. Os georgeanos representavam uma fraternidade onde se poderia encontrar a salvação para o presente, a única alternativa viável para solucionar o caos do seu tempo, para aquilo que designavam como a “fria e repulsiva realidade”.

Considerações finais

Embora propagassem sua “Alemanha secreta” e afirmassem que nela estava contido todo o caráter nacional, os georgeanos nunca publicaram um guia, um manual onde explicitassem no que consistia, enfim, esses valores atemporais, identitários dos alemães. De modo geral, essa identidade era construída a partir daquilo que, veementemente, negavam: o racionalismo, cientificismo, a massificação da sociedade e, nos finais da década de 1920, a americanização da sociedade alemã.

Stefan George, seu Círculo e as críticas por eles propagadas não constituíam um fenômeno isolado. Participavam de um movimento maior, de uma corrente anti-modernista forte, que tivera início a partir da década de 1890 e aprofundou-se consideravelmente após a derrota na Primeira Guerra Mundial. A desconfiança frente a modernidade transpareceu em outros campos, como a literatura e o cinema expressionista dos anos de Weimar. A temática da decadência cultural era comum e obras como a de Oswald Spengler, *A decadência do ocidente*, são sintomáticas do climareinante de uma reação anti-moderna.

Os georgeanos, como tantos outros, compreenderam a guerra como uma ruptura, uma quebra da continuidade cultural alemã e assim procuraram redefini-la, tendo para isso, o passado como força motriz. É impossível negar que George influenciou o meio

⁴³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 185.

⁴⁴ NORTON, Robert, Op. cit., p. 650.

intelectual. Mas não somente. Mesmo que não declarassem, os georgeanos também foram influenciados pelos debates dos intelectuais de sua época, sobretudo daqueles que se opunham à democracia e assumiam uma postura fortemente anti-modernista. Além disso, os próprios georgeanos ocupavam cargos nas universidades. Friedrich Gundolf e Ernst Bertram, por exemplo, foram professores em Heidelberg. O próprio George manteve contato com grandes intelectuais como Max Weber e Georg Simmel.

Personalidade carismática, George tentou impor-se como líder, guia espiritual da juventude. Partilhar dos ideais do poeta significava inserir-se em uma nova vida, uma nova concepção de conhecimento e realidade que constituía aquilo que George gostaria de definir como alemão. A identidade alemã era aquilo que se personificava em seu Círculo, seu estado. Se havia uma possibilidade de renovação cultural para os alemães ela deveria, de acordo com os georgeanos, necessariamente, passar pela figura do poeta.

Reconstruir a continuidade cultural alemã a partir da representação mítica do passado no qual se podia identificar a identidade alemã foi um dos principais objetivos que nortearam o Círculo, além de propor uma nova concepção do conhecimento e da escrita da história apoiada nas biografias. Era através dessa reconstrução e da manutenção do caráter alemão que a crise em que se encontravam poderia ser resolvida. O reestabelecimento do

ideal de comunidade, que tomava forma na própria constituição do Círculo, era o ponto através do qual buscavam resolver o problema do isolamento do indivíduo na sociedade de massas.

Não é tarefa fácil medir o alcance das obras dos georgeanos na sociedade alemã do período que aqui abordamos. Ao que nos parece não foi insignificante. Insistimos na importância de frisar que a tentativa dos georgeanos de reconstruir a identidade alemã, a partir de sua própria identidade de grupo, bem como seu escopo de críticas, é importante para compreender a crise instaurada na Alemanha do período entre-guerra, seja ela a crise cultural, do conhecimento ou das representações. O Círculo de Stefan George constitui para nós um lugar a partir do qual podemos compreender a sensação geral de crise e pessimismo da época bem como as tentativas estabelecidas a fim de reconstruir a identidade alemã, a fim de resolver a crise de sentido instaurada durante a República de Weimar.

Referências bibliográficas

ARENDRT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ARRUDA, Angela (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BERTRAM, Ersnt. *Nietzsche: Versuch einer Mythologie*. Berlin: Georg Bondi: 1921.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.

CASTORIADS, Cornelius. A criação histórica e a instituição da sociedade. In: _____. *A criação histórica*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

_____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A Invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

EKSTEINS, Modris. *A sagração da primavera: a grande guerra e o nascimento da era moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

ELIAS, Nobert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

GAY, Peter. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GRÜNEWALD, Eckhardt (ed.) *Sanctus amor patriae dat nimum – ein Wahlspruch des George-Kreis? Ernst Kantorowicz auf dem Historikertag zu Halle a.d. Saale im Jahr 1930*.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar.” In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

HUNT, Lynn. *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JAEGER, Friedrich; RÜSEN, Jörn. *Geschichte des Historismus*. München: Verlag C.H.Beck, 1992.

KANTOROWICZ, Ernst. Das Geheime Deutschland. In: BENSON, Robert L.; FRIED, Johannes. *Ernst Kantorowicz*. Stuttgart: Fraz Steiner Verlag, 1997.

KARLAUF, Thomas. *Stefan George: Die Entdeckung des Charisma*. Der pantheon Verlag, 2008.

LANE, Melissa S.; RUEHL, Martin. *Politics and culture in the George Circle*. New York: Camden-House, 2011.

LEPENIES, Wolf. *As três culturas*. São Paulo: Edusp, 1996.

LIMA, Luis Costa. *Mimesis e modernidade: formas das sombras*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

NORTON, Robert E. *Secret Germany: Stefan George and his Circle*. New York: Cornell University Press, 2002.

OEXLE, Otto Gerhard. *Geschichtswissenschaft im Zeichen der Historismus*. Göttingen: Vandenhoeck&Ruprecht, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo II. Campinas: Papyrus, 1995.

RIECKMANN, Jens (ed.). *A companion to the works of Stefan George*. New York: Camden House, 2005.

RINGER, Fritz K. *O declínio dos mandarins alemães: A comunidade acadêmica alemã, 1890-1933*. Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

RÜSEN, Jörn. *História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

_____. *A razão histórica*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

SALIN, Edgar. *Um Stefan George*. Godesberg: Helmut Küpper/ Georg Bondi, 1948.

STERN, Fritz Richard. *O mundo alemão de Einstein*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.